

A relação transferencial entre professor e alunos ditos com deficiência: impasses e possibilidades

A inclusão escolar tem como premissa incluir todas as pessoas na escola regular e, embora tenha vinte anos de efetivação como política pública¹, ainda apresenta desafios e debates acalorados. Uma das questões levantadas pelos professores é a respeito da inclusão de alunos com deficiências, que parece suscitar incômodos, os quais este texto pretende localizar e problematizar a partir da articulação entre a educação inclusiva e a teoria psicanalítica. Busca-se compreender como esses alunos podem ser vistos pelo professor e como isso impacta em sua inclusão e na relação transferencial que se estabelece.

A escola como instituição tem um papel que vai além das pessoas ali inseridas e não se pode responsabilizar apenas o professor pela inclusão ou não dos alunos. O professor e o aluno seriam efeitos de toda situação, para além da vontade e das condições subjetivas de cada um.

É compreensível que as deficiências – física, sensorial ou casos que tenham diagnósticos de psicose ou de autismo, produzam no docente, assim como em muitas outras pessoas, um mal-estar. Afinal, as sociedades geralmente excluíram e segregaram de várias formas as pessoas com essas questões.

As questões inconscientes, que são centrais na teoria psicanalítica, mostram que o psiquismo tem uma dualidade que nos divide subjetivamente. Existem pensamentos que estão para além do conhecimento cotidiano, inscrições diferentes que se manifestam em atos, sejam comportamentos ou palavras – que surgem espontaneamente, aparentemente contra a vontade de quem as diz, como palavras trocadas ou esquecidas. Além dos sonhos e dos possíveis sintomas, que podem acompanhar a pessoa por um tempo ou ao longo de sua vida.

Assim, o inconsciente se manifesta na vida cotidiana sem que se aperceba dele, ele aparece, para, logo em seguida, aparentemente desaparecer. Nesse sentido, a teoria psicanalítica pode trazer contribuições para se pensar a educação de maneira geral e a educação inclusiva.

¹ RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

No dia-a-dia é comum imaginar que as pessoas – se não são totalmente iguais, são muito parecidas. Quando se dirige a palavra a alguém, pensa-se que, por se estar falando na mesma língua, que o outro compreenderá o que se está a dizer. Também é comum que as pessoas sem deficiências convivam mais entre si e por isso acreditem que fisicamente se é igual, salvo as diferenças a que se está habituado. Essas experiências cotidianas fazem parte do registro imaginário, no qual haveria uma especularidade entre eu-outro, isto é, uma suposta correspondência entre o eu e o outro. É como se esse outro, o semelhante, fosse sua extensão e a imagem de si mesmo.

Por outro lado, quando se depara com alguém muito diferente, pode surgir um abalo ou uma quebra nessa especularidade, pois esse outro é tão diferente que pode causar afetos bastante contraditórios e deixar quem com ele se depara sem saber o que fazer ou o que falar. Nas situações de sala de aula, o professor pode pensar que seria impossível ensinar um aluno que tenha essas características.

Em seu texto de 1919, *Das Unheimliche*, Freud traz uma palavra que poderia servir para pensar sobre o lugar do *aluno da inclusão*. O termo, em alemão, não teria uma tradução direta para a língua portuguesa e por isso foi traduzido nas Edições Standard das Obras de Freud (vol. XVII) como O estranho. Em outras três traduções mais recentes, diretamente da língua alemã, traduz-se por O inquietante (FREUD, 1919/2010), O infamiliar (FREUD, 1919/2019) e O incômodo (FREUD, 1919/2021).

É interessante observar que, embora a educação inclusiva seja para todos os alunos, geralmente os professores chamam os alunos com deficiência ou com alguma questão psíquica como *alunos da inclusão*. É possível pensar que esse termo possa ser compreendido no discurso como um lugar de estranhamento, que gera uma inquietação, certa infamiliaridade e incômodo.

Freud (1919/2019) esclarece que se pode compilar a partir do termo *das Unheimliche* o que pode despertar em nós o sentimento de estranhamento no encontro com pessoas, coisas e situações. “O *infamiliar* é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo. Como é possível, sob quais condições, o que é íntimo se tornar *infamiliar*, aterrorizante” (FREUD, 1919/2019, p. 33 – grifos da edição).

Freud cita uma experiência pessoal em que ocorre esse fenômeno, que conjuga o assustador e aparentemente novo, mas ao mesmo tempo familiar. Estando em viagem de

trem, após um brusco sobressalto, “a porta ao toailete contíguo se abriu e um senhor mais velho, de pijama, com o boné de viagem na cabeça adentrou minha cabine” (FREUD, 1919/2019, p. 103). Ao levantar-se para esclarecer o engano a esse senhor, Freud reconheceu, perplexo, sua imagem no espelho da porta da cabine.

Esse curto e esclarecedor trecho pode mostrar a báscula que há na imagem no espelho que todos nós compartilhamos em alguns momentos e que remete à questão do duplo, proposta ainda nesse trabalho por Freud. O duplo tanto apazigua quanto causa horror, pois ele remete tanto à imagem do espelho, quanto a uma possível ameaça, caso essa imagem esteja fora do espelho e apareça encarnada como um outro humano².

O duplo surge na constituição da subjetividade, quando o bebê reconhece sua imagem no espelho. Aspecto trabalhado por Lacan em sua teoria sobre o estágio do espelho. Nesse texto, Lacan (1966/1998) escreve que esse estágio se dá com “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p. 97). Haveria, assim, na criança entre 6 e 18 meses de vida, um júbilo com sua imagem especular, constituindo a matriz simbólica do eu antes da dialética da identificação com o outro e antes “que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (idem).

Esse estágio não deve ser entendido como um fator do desenvolvimento humano, mas como báscula. Seria esse local que representaria o corpo despedaçado (anterior à imagem de completude pela qual o espelho nos ilude) e inaugura uma imagem de identificação com o semelhante, lançando o infans na condição de alienação ao Outro. Seria “a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas” (idem, p. 101).

Contudo, essa função psíquica, inaugurada com o júbilo da criança diante de sua imagem, é enganadora, pois a ideia de completude é uma ilusão e o outro nem sempre é parecido conosco. Nos casos das pessoas com deficiência, a segunda opção coloca em evidência o engodo imaginário no qual os seres humanos considerados normais estão constituídos e, possivelmente, seja um dos pontos que provoque incômodo.

O que a teoria psicanalítica nos possibilita pensar é que, longe de responsabilizar o professor por reações aparentemente irracionais ou moralmente condenáveis é comum sentir-se mal diante de situações infamiliars. Tais situações trariam ao mesmo tempo o

² A literatura é rica nessas histórias, como O duplo de Fiódor Dostoiévski e William Wilson de Edgar Alan Poe.

desejo inconsciente de um outro que seria a extensão da sua própria imagem narcísica e a angústia produzida pela infamiliaridade de uma imagem muito diferente, que pode ser assustadora.

Outro autor da psicanálise que trata das questões do infantil e do estranhamento que ele pode nos causar é Lajonquière em seu livro *Figuras do Infantil* (2010). Para a teoria psicanalítica, o infantil é sempre um resto que todo adulto carrega consigo. Um adulto que se inquieta por não ter sido necessariamente a criança dos sonhos de seus pais. Então, “esse outro que não (se) foi é objeto de *recalque* e de *retorno* e, assim, torna-se nosso estranho-familiar. É o *infantil* que nos habita, depois da infância, para todo o sempre.” (LAJONQUIÈRE, 2010, p. 207 – grifos do autor). Nesse sentido, também o aluno que chega à escola pode remeter ao professor um retorno de seu infantil, trazendo os conflitos que ele vivenciou e que estão latentes. Todas as hipóteses, construções e fantasias que tivemos em nossa infância são atualizadas no encontro, sempre assimétrico, com uma criança.

Dessa forma, Lajonquière (2010) discorre sobre três figuras do infantil: o selvagem, o extraterrestre e o estrangeiro. A criança que chega ao mundo, pode ser vista como um estrangeiro, para o qual se dirige a palavra na esperança de que, com o tempo, possa compartilhar da cultura no campo da linguagem e também contar ao adulto “coisas de um Outro mundo” (p. 206).

Diferentemente do estrangeiro, ao qual se endereça a palavra, do selvagem buscase manter distância e, se ele for considerado um bom-selvagem, “querer-se-á estudá-lo de forma minuciosa e científica para, assim, saber da exata medida da diferença que há entre ambos (o selvagem e o civilizado) e, dessa maneira, apagar o mistério que tanto anima um quanto angustia o outro.” (idem).

A terceira figura elencada por Lajonquière é o extraterrestre. Sobre ele, nada se quer saber, apenas também pretende-se manter uma boa distância, como no caso do selvagem, permitindo adorá-lo, sonhá-lo, mas fugir dele caso se torne muito próximo.

Essas três figuras podem trazer pistas para se pensar a educação inclusiva. A criança, que carrega a imagem do infantil, sempre apresentará uma estranha familiaridade, tenha ou não uma deficiência. O que poderá fazer a diferença será como o adulto lhe endereçará ou não a palavra, como lhe ensinará.

Educar é transmitir marcas simbólicas que possibilitem ao pequeno sujeito gozar um lugar de enunciação no campo da palavra e da linguagem a partir do qual lhe seja possível lançar-se às empresas possíveis do desejo. O desdobramento de uma educação, de uma *filiação simbólica* de humanização e familiarização pressupõe que o adulto receba a criança como se fosse um *estrangeiro*, passível de se tornar mais ou menos familiar. (LAJONQUIÈRE, 2010, p. 213 – grifos do autor).

Tornar o que é inquietante, estranho, em familiar e possibilitar que o extraterrestre ou o selvagem tornem-se estrangeiros, seria dar-lhes um lugar de alteridade, onde é possível um reconhecimento por parte do professor de sua própria estranheza. Tal empreendimento não é simples de ser realizado, pois além do imponderável e contingencial que atravessa as relações transferenciais, há também as condições que cada um tem para lidar com questões que estão para além e aquém das teorias educacionais. Questões que, como se apontou no texto, constituem o humano e que nem sempre são possíveis de se tornarem acessíveis e de serem executadas num empreendimento educacional.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1919/2019.
- LACAN, Jacques (1966) O Estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Figuras do infantil*. A psicanálise na vida cotidiana com as crianças. Vozes: Petrópolis, 2010.